cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, sábado, 6 de junho de 2026

A ABSURDA CONDIÇÃO humana

MARCO NANINI VIVE PERSONAGEM QUE ESPERA O FIM DO MUNDO EM PEÇA DE SAMUEL BECKETT EM CARTAZ NA CAIXA CULTURAL

» NAHIMA MACIEL

Hamm é incapaz de andar e Clov não consegue se sentar. Enclausurados, os dois esperam por um fim que nunca chega. Enquanto isso, martirizam-se numa relação de dependência emocional que também é marcada por crueldade e situações tragicômicas. *Fim de partida* é um clássico de Samuel Beckett, uma das obras centrais do Teatro do Absurdo que fez do dramaturgo irlandês um dos críticos mais inteligentes da condição humana no século 20. E atuar em um texto de Beckett sempre foi um desejo de Marco Nanini, que faz Hamm na montagem dirigida por Rodrigo Portela em cartaz na Caixa Cultural em temporada até 21 de junho.

Portela dividiu o texto em três fluxos com uma camada de leitura para cada um. A relação entre Hamm e Clov (Guilherme Weber) está no primeiro fluxo, o mais óbvio, mas a peça de Beckett também carrega, como boa parte da obra do dramaturgo, uma leitura política. Os dois personagens aguardam uma espécie de fim de mundo apocalíptico e Hamm é o tirano perfeito desse cenário. Ele subjuga Clov com movimentos que aludem à guerra, ao militarismo e ao autoritarismo. A terceira camada, Portela chama de metateatro, como se Hamm tivesse consciência de orquestrar uma cena catastrófica. Nag e Nell, pais de Hamm, também aparecem em cena ocasionalmente. Eles não têm pernas, estão confinados em latas e surgem para relembrar o passado.

Mas há também algo de muito humano nos dois personagens criados por Beckett: a ambiguidade de uma natureza que nunca é inteiramente boa ou má. Hamm depende de Clov tanto quanto Clov depende de Hamm. "Somos todos um pouco Hamm e também um pouco Clov, vivemos dentro dessa complexidade, ninguém é inteiramente algoz ou vítima", repara Nanini.

Aos 78 anos, o ator conta que tem se dedicado a personagens que exigem uma certa maturidade para serem vividos de forma adequada. Em abril de 2025, ele esteve em Brasília com *O traidor*, montagem de Gerald Thomas, na qual interpreta um homem confinado e assombrado por suas próprias memórias em uma ilha deserta. Em 2021, ele fez o velho de *As cadeiras* (Eugène Ionesco), um projeto realizado com Camilla Amado durante a pandemia que foi registrado em vídeo, mas nunca circulou porque a atriz morreu antes da reabertura dos teatros.

Para Nanini, o interesse no universo de Beckett está exatamente na maneira como o dramaturgo desenha a natureza humana. "É um mergulho profundo na mente humana, seus medos e suas certezas", diz. Para construir Hamm, ele investiu num processo que, como para outros personagens, parte muito da observação e do estudo. "O processo de criação sempre exige muita atenção aos sinais que encontramos em nossas pesquisas, no trabalho de leitura do texto e nas entregas dos outros artistas envolvidos na montagem", garante o ator, que conversou com o **Correio** sobre a oportunidade de viver o personagem.

> **"Beckett faz de forma magistral a interlocução entre humor e desespero, o texto é recheado de cenas com essas camadas se sobrepondo"**
> ***Marco Nanini***, ator

Fotos: Fernando Young

FIM DE PARTIDA

Direção de Rodrigo Portela, com Marco Nanini, Guilherme Weber, Helena Ignez e Ary Franca
Datas: 6 a 21 de junho
Horários: terça a sexta, às 20h; sábado e domingo, às 18h (excepcionalmente no dia 13/06, a sessão será às 17h)
Classificação Indicativa: não recomendado para menores de 16 anos
Duração: 90 minutos
Ingressos: R$ 30 e R$ 15 (meia) | Venda única para todos os dias, a partir de 30 de maio: às 9h, na bilheteria do teatro; às 13h, no site *bilheteriacultural.com.br*
Limitado a 2 ingressos por CPF (com o portador presente na fila)
Meia-entrada: clientes Caixa e outros casos previstos por lei
Horário de funcionamento da bilheteria: terça a sexta e domingo, das 13h às 21h; sábado, das 9h às 21h
Mais informações: (61) 3206-6456 – bilheteria | (61) 3206-9448 – recepção

Três perguntas // Marco Nanini

Como foi o trabalho de construção da expressividade do personagem que, no palco, pouco se movimenta?

A expressividade se manifesta em Hamm justamente por ser ele um espécie de autor de tudo que se vê em cena, portanto Hamm é o condutor daquela história e das metáforas por ele utilizadas. Diria mais que como um autor, escrevendo e testando se o texto está bem colocado .

Apesar da atmosfera sombria, Beckett tem um humor que provoca risadas. Como você enxerga a relação entre humor e desespero em *Fim de Partida*?

Beckett faz de forma magistral a interlocução entre humor e desespero, o texto é recheado de cenas com essas camadas se sobrepondo.

A idade e a experiência transformam a forma de interpretar uma peça como essa?

Tenho feito personagens que, penso, ganham muito quando defendidos por atores na minha faixa etária. Acho que é importante expressar as inquietações de alguém que chega aos 70 anos, foi assim com o enfermeiro homosexual Pedro em Greta, o velho em *As cadeiras*, o Nanini de *Traidor* e agora com o Hamm de *Fim de partida* . Que venham outros!